

SENNET, Richard. *O Declínio do Homem Público – As Tirantias da Intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

*Andrea Paula dos Santos \**

*O Declínio do Homem Público*, de Richard Sennet, é uma obra que percorre uma das questões mais polêmicas da modernidade: a tortuosa relação entre o domínio público e o privado. Preocupado com o esvaziamento do espaço público atestado pela resignação formal com que "a maioria dos cidadãos aborda suas negociações com o Estado" (p. 15), bem como através de outros sintomas que extravasam a área política, Sennett pretende mostrar que essa derrocada da vida pública por meio de uma prática social cada vez mais intimista é o resultado "de uma mudança que começou com a queda do Antigo Regime e com a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista" (p. 30).

Neste livro encontramos uma caracterização precisa e extremamente contemporânea do problema público, do que é o domínio público, e das inúmeras mudanças ocorridas nele, em especial com relação a intrusão dos sentimentos e do exercício de uma cultura da personalidade, que subverte as relações sociais e que, até mesmo modifica o sentido do que é o amor e a sexualidade para as pessoas. O objetivo é detectar os motivos que ocasionaram o surgimento de um espaço público morto. Nesse sentido, Sennett afirma que "foi a geração nascida após a Segunda Guerra Mundial que se voltou para dentro de si ao se libertar das repressões sexuais. É nessa mesma geração que se operou a maior parte da destruição física do domínio público" (p. 30).

A argumentação delineada baseia-se na definição dos papéis públicos nas cidades e na recuperação, como categoria de análise, da tradição do *theatrum mundi*. Sennett deixa explícito que a sua tese busca não uma "prova" concreta de suas hipóteses, mas sim uma "plausibilidade empírica (que mostre) as conexões lógicas entre fenômenos que podem ser concretamente descritos" (p. 63) para que o leitor possa inclusive pensar uma alternativa para a solução do problema que ele procura diagnosticar.

---

\* Aluna de Graduação do Depto. de História FFLCH/USP.

Tal diagnóstico provém, a princípio, da abordagem de como era o mundo público no Antigo Regime analisando as duas cidades mais importantes da época: Londres e Paris. Sennett é extremamente cuidadoso em delimitar bem os conceitos que usa, tais como: burguesia, cidade, platéia, relação teatro-sociedade (ou palco-rua), além de especificar qual o tempo histórico tratado como sendo o do Antigo Regime, isto é, o século XVIII. Por exemplo, há uma caracterização da "plateia" como sendo um conjunto de estranhos, através da constatação de quais as pessoas que vinham para as cidades, onde viviam, além da influência que as transformações na burguesia urbana exerceram no intercâmbio entre a corte e a cidade.

Ao analisar os papéis públicos no Antigo Regime, Sennett nos introduz a uma explanação fantástica sobre a utilização do corpo como um manequim e do discurso como um sinal, pois pretende elaborar uma teoria da expressão em público e comprovar a sua necessidade para que haja um mínimo de interação social, estudando precisamente quais eram os códigos de credibilidade anteriormente existentes e quais são os que utilizamos – ou não utilizamos – hoje em dia. Em suma, sua busca é acerca de quais os meios de que os homens se serviam para serem sociáveis em bases impessoais. Assim, o autor fala do que era o público e o privado, e do equilíbrio que havia entre esses domínios, por meio da imagem de uma molécula da sociedade que é dividida, pois ela "se mantinha na medida em que a personalidade individual não fosse usada como princípio social" (p. 129).

Ao refletir sobre o tema do homem como ator são vasculhadas desde a literatura mais trivial – e que traria a noção do senso comum (por exemplo, *Tom Jones* de Fielding) – até as teorias de Diderot a respeito da representação e de Rousseau sobre a cidade como um teatro. Essa pluralidade de fontes para desenvolver a hipótese que Sennett nos oferece é um dos marcantes atributos do livro: estão presentes a música, o teatro, a literatura, bem como os clássicos das ciências sociais como Diderot e Rousseau ou Marx e Weber.

Estes últimos são abordados especificamente na terceira parte do livro que trata do chamado tumulto da vida pública no século XIX, onde o autor fundamentalmente questiona: "de que modo a personalidade individual se tornou uma categoria social?" (p. 160) e "em que termos a personalidade em público lançou as sementes da regulamentação moderna da intimidade?" (p. 161).

As respostas são perseguidas numa acurada análise do impacto do capitalismo industrial na vida pública e das modificações efetuadas na personalidade do morador urbano do século XIX, no desenvolvimento das cidades, na vida burguesa e, especialmente, nas mercadorias públicas. Sennett recupera criticamente a teoria marxista – em destaque a questão do feticismo das mercadorias – afirmando que "Marx percebia que as mercadorias estavam se

tornando 'uma aparência de coisas que expressa a personalidade do comprador'..." (p. 185) para explicar como a secularização ocasionou a introdução da personalidade em público como uma forma de crença no significado imanente do mundo, onde até mesmo a essência da vida privada, isto é, a família, é dissecada.

A descoberta interessante de Sennett é a divisão do homem público do século XIX em ator e espectador, sentindo mais prazer em exercer este último papel e, a partir daí, criando a disciplina do silêncio aqui compreendido como ordem e ausência de interação social, esfacelando todo o princípio de uma cultura pública existente. Surge a caracterização de uma personalidade coletiva que faz com que a personalidade individual triunfe sobre as classes sociais, estimulando a constituição do que o autor chama de comunidades destrutivas ou "guetos", nas quais fica patente que "a lógica de uma personalidade coletiva está no expurgo" (p. 308), ou seja, na auto-destruição. Tais comunidades destrutivas são brilhantemente exemplificadas com a análise do caso Dreyfus e do "Eu acuso" de Émile Zola.

Desse modo, Sennett chega à concepção do que é a sociedade intimista: as teorias acerca do carisma são visitadas e surpreendidas com novas formulações sobre as relações do carisma de líderes que atacam o sistema por puro ressentimento e do carisma moderno como um indício de "incivilização". Sennett afirma que o carisma secular não passa de um *streak-tease* psíquico onde "o fato da revelação (sobre a vida íntima do líder carismático) é o que incita: nada de claro ou de concreto (sobre seus projetos políticos) é revelado" (p. 330). Esta realidade é reforçada pela eletrônica e pelo sistema do estrelato, essenciais ao carisma incivilizado, que torna a comunidade incivilizada. Mas, o que o autor qualifica como comunidade incivilizada? Ela é, basicamente, "um modo de ser, mais do que um modo de crer", que se mantém por "paixão interna e retraimento externo" (p. 374), isto é, cada comunidade se enxerga como a "verdadeira" comunidade. Cabe ressaltar que Sennett dialoga todo o tempo com Max Weber para discutir o conceito de comunidade (o termo é, inclusive, utilizado em alemão: *Gemeinschaft*).

Conceituando a sociedade intimista, Sennett chega a mais uma conclusão: os homens – que no ideal clássico do *theatrum mundi* são atores – deixaram de representar e estão privados de sua arte! As relações sociais são imaginadas, mas não são completamente vivenciadas... O autor resgata a brincadeira infantil, especialmente o jogo, como sendo o aprendizado da representação e do autodistanciamento, onde a criança "aprende que pode trabalhar e re-trabalhar as regras, que (...) não são verdades imutáveis, mas convenções sob seu controle" (p. 391-92). Contudo, a criança reprime essa capacidade porque em nossa cultura, na vida social moderna, deve-se agir

narcisisticamente nas relações sociais para estar de acordo com as normas sociais. E mais: as relações sociais narcisistas produziram uma nova classe social que é composta por pessoas que realizam um trabalho quase técnico e funcional – por exemplo, os programadores de computação – onde "os limites entre o eu e o mundo são apagados porque aquela posição de trabalho parece ser um espelho do poder pessoal" (p. 399).

Parodiando Max Weber, Sennett alega que o narcisismo é a ética protestante dos tempos modernos, e nesta sociedade "é apenas natural que o artifício e a convenção pareçam suspeitos. A lógica de uma tal sociedade será a destruição desses meios de cultura. E ela o fará em nome de uma remoção das barreiras entre as pessoas, de uma aproximação entre elas, mas só conseguirá fazer com que as estruturas de dominação na sociedade sejam transpostas para termos psicológicos" (p. 409). Precisamente aí reside o que este historiador norte-americano chama de tiranias da intimidade. Elas estão presentes em nossa vida diária e constituem intrinsecamente o que denominamos modernidade. Elas são sutis e, talvez exatamente por este motivo, têm um fantástico poder de coerção.

Enfim, a questão que perdura após a leitura de *O Declínio... é*: será que podemos destruir essas tiranias da intimidade? Sim, entretanto, ferir essa nova ética da modernidade implicaria em modificar as relações sociais, ou seja, ferir o próprio cerne do sistema capitalista, atitude que não está muito em voga... mas que, novamente, precisa ser colocada na ordem do dia.